

INÉDITOS E RAROS

I



PASSAGENS INÉDITAS DE *BRASILIENSES AURIFODINAE*

Poema escrito em latim por Basílio da Gama

Tradução Alexandra de Brito Mariano

- Heu genus aethiopum infelix! genuistis in antris
1190 Ah quoties! quae vestra manus, vestrique lacerti
Vi, sudore, et vita ipsa effodere potentes!
Quando aditus, callisque alibi praeccluditur, omnem
Illico praestet opem turba auxiliata superstes.
Nulla mora, intenti omnes, fossoresque sodales
Sarcula, vimineos calathos, promptosque Ligones
Arripiant, Lapsam imprimis proscindere terram
Sit cura, et quantumvis parvum, aperire meatum,
Per quem interclusus rarescat, et exeat aer,
Libera communi fiant commercia vento.
- 1200** Nam si nulla diu pateant spiracula, crassus
Aether, et effluviis sat condensatus anhelos
Strangulat aethiopes, quos lapso a cespite fatum
Immunes dederat; nam quos gleba obruit, ipsa
Et tumulum, atque urnam subito cum funere praestat.
Hos tamen eruere insiste: haec fortasse reliquit
Non dum membra calor, nondumque egressa calorem
Mens: quin semianimes, gleba calcante, reperti
Vires instaurante novas pulmone resurgent.
Si tuleris jam tardus opem, atra cadavera tantum
- 1210** Stemmata quaeque sui decorata, et humata laboris Invenies,
damnum flebis cum morte secutum

Oh! Infeliz raça dos negros! Ah! Quantas vezes gemestes nas galerias escuras! A vossa mão e os vossos músculos podem escavar com força, com suor e com a própria vida! Quando o acesso e o caminho estão algures obstruídos, que a multidão dos sobreviventes, auxiliando-vos, disponibilize imediatamente toda a ajuda. Que todos aqueles que tomam conhecimento do facto e que são igualmente escavadores peguem sem demora nos sachos, nas esteiras de vime e nas carretas ligeiras. Em primeiro lugar, que se procure retirar a terra que caiu e que se abra uma passagem, ainda que pequena, por onde se renove o ar fechado que começa a ficar rarefeito, por onde ele saia e, livremente, realize trocas com o ar do exterior. Pois se não se abrirem imediatamente alguns respiradouros, o ar abafado e bastante condensado com a transpiração sufoca os escravos ofegantes, aqueles que o destino permitira que ficassem protegidos da terra que caiu. De facto, aqueles que a terra cobriu, ela própria lhes garante, com um funeral súbito, não só a sepultura, mas também a urna. Contudo, tenta desenterrá-los: talvez o calor não tenha ainda abandonado estes corpos, nem a sua alma tenha abandonado o calor. Além disso, os que forem encontrados moribundos, calcados pela terra, ganharão novas forças com a renovação do ar. Se lewares o auxílio já tarde demais, não encontrarás senão alguns cadáveres negros sepultados debaixo da terra e decorados com a recompensa do seu trabalho. Lamentarás o prejuízo trazido com a morte.

(*B.A.* vv. 1189-1211).

- 1150** Experiere prius, feret experientia lucrum.
 Sume animos ex lucro, vernilemque cohortem
 Huc rege: vincere tum Lapidem, tum abscindere olympos
 Difficilis labor est, sed enim generosior: aude,
 Audentem fortuna juvat, sors aurea ditat.
 Vena haec tellurem recta non vergit in imam,
 Sed sinuosum inflectit iter, plerumque deorsum,
 Et raro sursum, inque latus declinat utrumque
 Saepius. Haud fert humano tot corpore sanguis,
 Corpore terrestri quot fert vena aurea flexus:
- 1160** Vel quot nocturnum sinuamina Longa bidental
 Implicat ignitis penetrans per nubila flammis,
 Se totidem auratum terrena in viscera fulgur
 Insinuat, post se vestigia flava relinquens.
 Duruit in Lapidem tellus ubicumque nitenti
 Hac animatur vena: ita non durescit avarus,
 Flectitur iste auro, sed plus Lapidescit et illa.
 Aethiopum vires, turgescencesque Lacerti
 Aeratos, qua parte acuuntur primate, vectes
 In venam infligunt: incisaque vulnera rupes
- 1170** Sentit, et assidue repetito frangitur ictu.
 Pro scalpro est vectis, pro uena vena feritur
 Aurea, pro venoche manu vernilia caedunt
 Brachia, pro liquido, rubroque cruore metallum
 Et flavum, et solidum guttatim in frusta minutum
 Defluit, ad saxum tundente friabile ferro.
 Auratam sequitur percussam dextera venam,
 Perforat et montes, et viscera permeat ima,
 Quacumque inserpit sinuosus, et aureus anguis.
 Fit via vi, quae fossores, vectesque rotatos
- 1180** Amplior excipiat, flexus totidemque sequatur,
 Efficit implicitos quot flavida vena reflexus.

Em primeiro lugar, faz a prospeção; a experiência trará o lucro. Animate, pensando no lucro, e manda para aí uma multidão de escravos. Triturar as pedras, tal como subir aos céus, é um trabalho difícil, mas bastante proveitoso. Sê ousado. A fortuna ajuda aquele que é ousado, a sorte propícia enriquece-o.

Este veio não segue em linha vertical para a profundidade da terra, mas inflete por um caminho sinuoso, muitas vezes para baixo, raramente para cima e, frequentemente, inclina-se para ambos os lados. O sangue no corpo humano não tem tantos desvios quantos tem o veio de ouro nas entranhas da terra; ou ainda, o raio noturno de chamas incandescentes não desenha curvas tão longas, penetrando através das nuvens, quantas as que o raio de ouro introduz nas entranhas da terra, deixando atrás de si vestígios amarelos.

A terra torna-se pedra dura e, em toda a parte, ganha vida com este veio brilhante. Não endurece da mesma forma o avarento. Esse comove-se com o ouro, mas fica mais empedernido do que aquela. A força dos negros e os músculos cheios de vigor aplicam contra o veio as alavancas de bronze, com aquela extremidade em forma de prisma que é afileada. A rocha fendida sente as feridas e é desfeita em pedacinhos com as pancadas constantemente repetidas. Em vez do bisturi está a alavanca, em vez da veia corta-se o veio de ouro, em vez da mão que faz correr o sangue estão os braços dos escravos que cortam, em vez do sangue líquido e vermelho, o metal amarelo e sólido, partido pouco a pouco em bocados, escorre para a rocha friável com a alavanca que bate sem cessar. A mão vai seguindo o veio de ouro que está a ser cortado, perfura os montes e penetra nas entranhas profundas por onde se introduz, sornateiramente, a sinuosa serpente dourada. Abre-se uma galeria à força, com a largura suficiente para aí passarem os mineiros e as carretas de rodas; e que tenha tantas curvas quantas as voltas sinuosas que percorre o veio dourado.

(*B.A.vv. 1150-1181*)

**Di Girolamo Fracastoro, Libri III,
volgarizzati da Vincenzo Benini Colognese,
Bologna per Lelio Dalla Volpe, 1765**

A reedição do célebre poema do médico veronense, Girolamo Fracastoro [1478-1553], preparada e anotada pelo também poeta, médico e tipógrafo, Vincenzo Benini [1713-1764] - dedicado ao tratamento da sífilis em diferentes países da América – traz, em breve nota, uma revelação surpreendente sobre Basílio da Gama:

Mi cade quì in acconcio far menzione di cio che ho udito più volte da mio intimo amico D. Giuseppe Basílio de Gama Brasiliano giovane di grandissima aspettazione, e di così raro talento che in meno di sei mesi apparò sì bene la Toscana favela, e spogliossi affatto del pessimo gusto del secolo passato il quale regna ancora nel Brasile, che componeva in poesia Toscana com tal vezzo e maestria da uguagliarsi ai più d'Italia; e Roma forse l'ammirerebbe ancora, se la sua ria fortuna no lo avesse obbligato a far ritorno alla Patria. Ora egli mi diceva che di coloro, i quali nel Brasile, e nel Paraguay restano infetti di morbo Gallico moltissimi vanno a lavarsi nel *Rio della Plata* o si fanno trasportare le sue acque per beberne, dalle quali restano perfettamente guariti fino a tanto che non vengano in Europa, o in altro paese di clima assai più freddo del Brasile; poiche allora restano attrapiti in maniera che divengono affatto storpiati.

A propósito, cabe-me aqui mencionar o que escutei várias vezes de meu amigo íntimo, d. Giuseppe Basílio de Gama, jovem brasileiro de quem se espera muitíssimo, e de tão raro talento que em menos de seis meses aprendeu tão bem a língua toscana, e tanto se despiu do péssimo gosto do século passado, o qual ainda reina no Brasil, que já compunha em poesia toscana com tal estro e maestria a ponto de ombrear-se com os maiores da Itália; e Roma talvez ainda o admirasse mais, se sua triste sorte não o tivesse obrigado a retornar à Pátria. Recentemente ele me dizia que, daqueles que no Brasil e no Paraguay são infectados pelo morbo gálico, muitos vão banhar-se no *Rio della Plata*, ou fazem transportar sua água para beberem dela, curando-se então

perfeitamente até virem à Europa, ou a qualquer outro país de clima bem mais frio que o Brasil; de modo que ficam tão abatidos que acabam deveras estropiados.

Tradução Maurício Santana Dias.
Documento pesquisado pelo Prof. Augusto Massi.

JERONYMO DE BARROS FERREIRA

Nasceu em Guimarães em 3 de Setembro de 1750, mas viveu em Lisboa aonde estudou a Arte com Miguel Antonio do Amaral. Quando Pedro Alexandrino ia deixando as pinturas de seges para fazer coisas maiores, ele o supriu naquele gênero de trabalhos com boa aceitação, e colorindo bem os meninos, os Deuses da fábula, e as Virtudes etc. Também se applicou aos ornamentos, aos retratos, bambochatas, e gravuras de água forte; e neste ramo foi o primeiro Mestre de Gregório Franco de Queiroz. Era dado à lição dos Livros, e traduziu do francês *A Arte da Pintura*, de Mr. Charles-Alphonse Du Fresnoy, que se imprimiu na oficina do Arco de Cego em 1801. Também descreveu um teto pintado por ele na casa de Nisa. Os seus painéis públicos vem a ser, o teto da Capela Mór das Trinas do Rato, o de Santa Brígida na Freguesia do Lumiar, algumas figuras no teto da Livraria de São Domingos etc. Morreu em Lisboa em 30 de Outubro de 1803. A sua Viúva conservava o seu retrato feito por ele mesmo. Concorreu à Academia S. José, e ali conduziu uma noite José Basílio da Gama seu discípulo de desenho, Brasileiro famoso que está em Official da Secretaria de Estado, o qual desenhou um acto que deixou ficar na Sala”.

in: *Collecção de memórias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetas e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiveram em Portugal*, recolhidas, e ordenadas por Cyrillo Volkmar-Machado, pintor ao Serviço da S. Majestade, o Senhor D. João VI. Lisboa, Imp. Victorino Rodrigues da Silva, 1823, pp. 127-128.

Documento pesquisado pelo Prof. Augusto Massi.

Rio de Janeiro, quinta-feira, 23 de setembro de 1847.

Sr. Redator – É tão inexata a breve notícia que o Sr. Dr. João Manuel Pereira da Silva nos deu, no seu excelente *Plutarco Brasileiro*, relativamente à ascendência do nosso distinto poeta José Basílio da Gama, que força me é corrigi-la; e pois tenho de rogar-lhe a publicação pelo seu *Jornal* dos seguintes documentos, cujos originais, bem como outros muitos minuciosos e exatos a respeito de José Basílio da Gama e seus ascendentes, existem em meu poder e serão presentes ao Sr. Pereira da Silva, se por ventura me constar que deseja S.S. dar-se ao trabalho de os ler.

Tenho por sem dúvida que à vista deles conhecerá o Sr. Pereira da Silva quão mal informado estava quando, falando de José Basílio, diz ele que se não sabe quem fora seu pai; que há quem afirme descender ele de pobres sertanejos, companheiros de João de Serqueira Affonso, grande copia dos quais eram Portugueses que procuravam fortuna; e finalmente que tão bem se assevera ter ficado o infeliz infante, por morte de seu pai, que pouco tempo sobreviverá ao seu nascimento, entregue aos cuidados de sua desgraçada mãe, que nem meios tinha de subsistência para si, quanto mais para criar um filho!

“Eu, a Rainha, faço saber a vós, D. Thomaz de Lima Vasconcellos Nogueira Telles da Silva, Visconde de Villa Nova da Cerveira, do meu conselho, ministro e secretário de estado dos negócios do reino, que servis de meu mordomo-mór, que, atendendo a José Basílio da Gama, natural da freguesia de S. Antônio da Villa de São José do Rio das Mortes, do Estado do Brasil, filho do capitão-mór Manoel da Costa Villas-Boas, estar servindo há treze anos, doze meses e oito dias, contados de vinte e cinco de junho de mil setecentos setenta e quatro, é o presente de oficial da secretaria de estado dos negócios do reino, mostrando sempre muito préstimo, aptidão e zelo no meu real serviço em que continua; em consideração do que e do exemplo que alegara, hei por bem e me praz fazer lhe mercê de o tomar por escudeiro fidalgo de minha casa, com quatrocentos e cinquenta réis de moradia por mês, e juntamente o acrescento logo a cavaleiro fidalgo dela, com trezentos réis mais em sua moradia; para que tenha e haja setecentos e cinquenta réis de moradia por mês de cavaleiro fidalgo, e um alqueire de cevada por dia, paga

segundo ordenança; e é a moradia ordinária. Mando-vos o façais assentar no livro da matrícula dos moradores de minha casa; em seu título, com a dita moradia e cevada. Lisboa, seis de agosto de mil setecentos oitenta e sete. – RAINHA – Visconde de Villa Nova da Cerveira, etc, etc.”

Não era pois José Basílio da Gama descendente desses *pobres sertanejos* do Sr. Pereira da Silva, mas filho legítimo do capitão-mór Manoel da Costa Villas-Boas, casado com D. Quitéria Inácia da Gama.

Foram seus avós o capitão Luiz de Almeida Ramos e sua mulher D. Helena Josefa da Gama; e quanto a seus bisavós, eis o que consta:

“Him, e Exm. Sr. – Diz José Basílio da Gama que ele carece que o secretário deste estado lhe passe por certidão o teor da patente que em 26 de janeiro de 1700 se passou a seu bisavô Leonel da Gama Belles do posto de capitão de Infantaria do terso, pago desta capitania do Rio de Janeiro; e porque se não passe sem despacho, – Pede a V. Ex. se digne mandá-la passar na forma pedida. – E.R.M.”

Do teor da patente a que se refere o requerimento, bem como de vários outros documentos originaes, que já disse existirem em meu poder, se mostra que Leonel da Gama Belles, bisavô de José Basílio da Gama, e natural do Alentejo, viera militar na colônia do Sacramento em companhia de seu tio, o capitão de Caval, Bartolomeu Sanches Xára, e que em maio de 1683 principiara a servir no posto de Tenente de Caval, até 10 de janeiro de 1699, em que passará a corte, onde foi nomeado capitão de Infantaria do regimento novo do Rio de Janeiro, a 26 de janeiro de 1700.

A 19 de janeiro de 1701 foi nomeado capitão de Caval, por falecimento de seu tio, Bartolomeu Sanches Xára.

Tomada a colônia em 1703, veio para o Rio de Janeiro e seguiu para Vila Rica a criar as companhias de Dragões, e por ocasião da invasão de Duclerc em 1710, e da de Duguay-Trouin em 1711, marchou com essas companhias em socorro desta cidade do Rio de Janeiro, passando ao depois a governador da fortaleza de S. João, donde voltará meses depois para a colônia, onde falecerá em 1729, com 90 anos de idade, seguindo-o pouco tempo depois, com mais de 80, sua mulher, D. Maria Josefa Corrêa, natural da freguesia do Alecrim em Loreto, irmã do capitão de Caval, Manoel Félix Corrêa.

Outros talvez possam devidamente apreciar se foi o Sr. Pereira da Silva quiça mais feliz a respeito das demais biografias que se contém na sua obra; pela minha parte, só me resta rogar a S. S. com quem muito

simpatizo, e de cujos talentos faço mui sabido conceito, que não atribua a publicação destas linhas a qualquer outro motivo que não um tributo que julgou dever à memória de José Basílio da Gama.

Um seu parente

Rio de Janeiro, 29 de junho de 1847.

Documento pesquisado pelo Prof. Augusto Massi

